3.º Anno — DOMINGO 6 DE FEVEREIRO DE 1910 — N.º 7

CORREIO DE VOUGA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc. Rua de Sá Noronha, 51 — PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO: ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO NA RUA DE S. MIGUEL N.º 36 — PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceita collaboração que não seja sollicitada.

Por medida

Ora uma espiga d'estas...

Exige, á ultima hora, o sr. typographo (senhoria, não será demais?) que eu escreva um artigo que encha precisamente a primeira columna.

Porquê? perguntaria eu, se elle viesse pessoalmente fazer-me a exigencia. Mas, não. Sua Senhoria deu-se o luxo do telephone e lá está, de ouvido á escuta, á espera que eu lhe dite... até elle dizer—bonda.

Pois tem que esperar...

Um artigo de encommenda, por medida—e pelo telephone?!

Então o sr. typographo ainda não saberá que os meus artigos são todos improvisos... de ha oito dias, pelo menos?

Ai de mim! que nem uma piada sei improvisar... de repente. A frioleira d'uma piada que salta da boca de toda a gente nestes dias de Carnaval.

Um artigo que encha precisamente a primeira columna... Mas o sr. typographo está a troçar commigo, e—d'aqui lh'o juro!—eu só admitto que me trocem pelo Entrudo. Então, sim, a troça é um direito que assiste a toda gente.

E que lhes parece? Pois o maganão não tem até a audacia de me impôr o assumpto...

Agarre-se V. Ex.ª (e não me faz favor nenhum) ao cometa, ao Haley,—telephona-me desesperadamente.

Haley? Grande patife! não ha lei, mas é para te metter na cadeia, se não já lá cantavas.

Ora uma espiga d'estas...

Um artigo de encommenda, por medida—e pelo telephone!

Nunca me vi em taes assados...

Bem me diziam que o jornalista é um creado do typographo. Ao proceder á paginação, este precisa de seis linhas para fechar uma columna? Não tem mais nada—chega ao redactor e manda-o escrever seis linhas.

Ah! quem me dera a mim, agora, que fossem precisas só seis linhas... Mas—eu desmaio! —é preciso uma columna inteira. E só uma columna! Nem uma letra a mais nem a menos.

Mas isto é um milagre—e a minha arte é toda profana!

O typographo exige-me o impossivel.

Desisto.

Que vá a primeira columna em branco e, talvez, os leitores achem feliz a ideia.

GAZETILHONA

Dava um baile neste dia
O Avelino Figueiredo.
E quanto na terra havia
De elegante, chic e ledo
Andava dentro dum sino!
No tal O não lhe cabia
O feijão mais pequenino.

Machos em papos d'aranha,
Cachopas em reboliço,
Com alegria tamanha
Tinham perdido o toutiço,
A tal linha, as estribeiras.
Mas isto ninguem extranha;
Todo o mundo fez asneiras.

Era por nós cousa assente
Deslisar o tempo então
Muito menos diligente
Do que noutra occasião.
Não corria quasi nada;
Era 'inda mais indolente
Do que lesma descansada.

Tinha a gente tal anceio
De se vêr na soirée
Que a ceia ficava em meio
Ou nem se comia até.
Quem tolerava demoras
P'ra ter uma noite em cheio?
Podia a pança dar horas!

Trocados os cumprimentos
Das *divas* entre beijinhos,
Ao romper dos instrumentos
Começa tudo aos pulinhos,
Rastejando uns pés de fadas
Que passam sérios tormentos
Em botinhas apertadas.

O Avelino de chinellas
—Mas chinellas *rica obra*—
Dava ligeiro ás canellas,
Dirigia toda a manobra,
E *marcava*, a bem mer'cer
De todas as nossas bellas
Uns olhar's d'entontecer.

Ai cachopas quem me déra
Mesmo velho como estou
Dos olhar's que elle tivera
Quando quadrilhas marcou!
No *gran ron ô miliú*,
Sem favor, o Avelino era
Um perfeito *monsiú*!

Dos olhinhos de goraz
Vinham-lhe chispas d'amor
Que ás cachopas todas faz
A cabeça á roda pôr.
Se taes olhos fossem meus,
Sei lá de que era capaz?!
De vêr bem, graças a Deus.

O David, esse ratão,
Na linda voz de tenor
A cantar ao violão
Era mesmo um primor.
Eu até, cachopas, acho
Que ás vezes, co'a animação,
Lhe sahia a voz de *baixo*!

O Angelo um tanto encolhido
A priminha mira extático
Em quanto uma Eva, a pedido,
Recita de modo emphatico.
E este tempo aproveitando,
Ao doce, tão seu querido,
Dava de rôsca o Fernando.

Ainda bem se não dera
O fim da recitação
Que da assembleia tivera
A geral consagração,
Quando entrou dama distincta.
Se lhes dissesse quem era
Bem na tiravam p'la pinta.

Mas não digo. E' segredo
Que p'ra todos é sagrado.
Só quem tiver um dedo
Que adivinha, é que acertado
Terá na dama d'estalo.
Não tenha, senhora, medo
Que eu não dou ao badalo.

Como a servir-lhe de pagem
Segue atraz o Jayme Lima,
Essa torre de menagem
Com alto pharol em cima.
Mas nesse tempo ninguem
Se curvava em homenagem
A's dimensões que hoje tem.

Palram as damas formosas
Cinco minutos apenas:
Perguntam umas por Rosas,
Outras por Ritas pequenas.
Os homens esses lá vão
As gargantas sequiosas
Molhar com Val' do Suão.

Cinco minutos extinctos,
No dançar que enthusiasmo!
Elle ha pés com taes instinctos
Que causam assombro, pasmo!
Todos giram, ninguem cança
Parecem membros distinctos
Dum bom «Gremio d'harpa e dança»!

E é tal a animação
Tal o furor de dançar
Que muitas damas já estão
Coitadinhas a... bufar
Por quantos póros abertos
Podem dar facil vasão
Nestes e noutros apertos.

A dançar co'o Zé Liborio
Houve até certa menina
Que naquelle mistiforio
Teve esta sorte mofina:
Caíu e assentou nas táboas
O redondinho *zimborio*
Deixando vêr as anagoas.

Em forma de picareta
Via-se pouco depois
Uma grande narigueta
—Que chegava bem p'ra dois—
No meio da sala estacar,
Ficando muito inquieta
Com modo estranho a aspirar.

E logo o senhor seu dono
O David, o nosso major,
Dizer firme, com entôno:
Meus senhores, é melhor
Dar por finda a soirée;
Estou a cahir de somno
Nem me posso ter de pé.

Ora os narizes pequenos,
Todos levados da breca,
Rubros, brancos e morenos
Prostestam contra a somneca.
Que tal somno não havia
Que ficassem pelo menos
Até... vir a luz do dia.

Mas nisto, como tocadas
Por occulta mola elastica
Muitas mãosinhas de fadas
Fazem a mesma gymnastica;
E no espaço dum segundo
Co'as narinas bem tapadas
Pode ver-se todo o mundo,

Que só então percebera
A razão da tal somneca
Que ao David acomettera!
Já o Umbelino da rabeca
Pitadeára em phrenesi,
Signal de que tambem dera
Pelo que se passara ali.

Andava cousa no ar
E tambem no pavimento:
Um cheirete singular
A' mer...cê de qualquer vento
Que entrando pelas janellas
O levava a passeiar
Por entre as ventas das bellas.

E cada qual com signaes
De em si não ter confiança
E muito menos nos mais,
Tratou com desconfiança
De revistar á *socapa*
Estes pontos principaes:
Solas, trazeiras e capa.

Qual nuvemsinha de incenso
Que embalsama logo os ares,
Assim este cheiro intenso
Casas, ruas e pomares
Incensou com força tal
Qu'inda foi sentido immenso
Lá p'ra riba do Cazal.

O Filippe do Barreiro
Que vinha a saír de casa
Ao sentir aquelle cheiro
Ficou a arder, numa brasa.
E perdendo o grave aspecto
Começa a correr ligeiro
E mette-se em casa inquieto.

Nesta altura, o Simões,
Nunes, Zé Nato, Saldanha
E mais outros figurões
Que a memoria não apanha
Estavam parados na rua
A pulsar varias questões,
Ao clarão gentil da lua.

Receberam tal embate
Todos elles sem 'xcepção
D'aquelle cheiro a... tomate
Que perderam a noção
Do que estavam a fallar
E pondo á *treta* remate
Trataram de pôr-se a andar.

E afinal querem saber
A razão do tal abalo
Que nos fez assim perder
Uma noitinha d'estalo?
Um vestido bem bor...dado
Que trazia sem saber
A dama que tinha entrado,

Co'o Jayme Lima por pagem.
Sentára-se a dama linda
A contemplar a paisagem
—Porque achara cedo ainda—
Lá pr'os lados da Balça
Onde alguem, de passagem,
Largara uma... nota falsa

Carnaval de 1910.

EL-VIDALONGA.

CARTA DE... NENHURES

Menino e moço, deixei a minha terra, e depois de longos annos de jornada eis-me de volta a ella.

Tantas mudanças lhe encontrei que estou em convencer-me que m'a trocaram.

Mal puz o pé á porta do velho Pedro que—ai d'elle!—já não vê para caçar e só pela voz me conheceu, alonguei pela estrada os olhos saudosos d'aquelles magnificos chorões cuja ramaria era a ondeante e formosa cabelleira da Princeza do Vouga.

Já lá não estavam! e o coração apertou-se-me de tristeza, ao notar esse traço de decrepitude da minha terra—a calvicie.

Horrorisado, quiz voltar para traz, mas o tio Pedro animou-me a avançar, dizendo-me que «a sombra dos chorões fazia mal ás sementeiras e primeiro que tudo está a barriguinha, e, demais, que valiam elles ao pé das flôres lá de baixo que elle não via mas cheirava».

As flôres lá de baixo...

Segui, e os meus olhos já só se abriram para vêr, num deslumbramento, o jardim que ora occupa (na minha imaginação e na do tio Pedro...) o logar do lendario adro.

Entrei, e quando a minha alma entoava um hymno de louvor e agradecimento á generosidade e bizarria indigenas, surprehendi este dialogo:

—Sabes que mais? Isto é uma *grandessissima* falta de respeito pelos nossos *vindoiros!* Só de me lembrar que esta flôr está a comer dos ossos do meu avô...

—Espera lá, espera lá: que dizes tu... os nossos vindoiros?

—Sim, homem. Bem se vê que nunca fallaste com gente fina. Os nossos vindoiros são... ou antes não são nada, porque já morreram.

. . . . . .

Os meus conspicuos patricios continuaram a maltratar o diccionario, mas eu, com receio de que elles me vissem, dei meia volta á esquerda, e fui installar-me noutro ponto.

Observava a simplicidade adoravel d'um canteiro, quan-

do me arripiaram os cabellos estas palavras:

— Isto ainda ha-de ir tudo pelos ares! Maldita lembrança! Só de regar as flôres, nós pecamos! Convence-te d'isso. Bem sei que é a necessidade que nos obriga. Mas, c'os demonios!, eu não me importava de passar sem comer, mas não queria que os nossos *vindoiros* tivessem para dizer que não lhes respeitamos as cinzas!

— Acommoda-te, homem. Isto é obra para pouco tempo. Qualquer noite, vimos aqui, e são duas palhetadas. Tu por um lado, e eu por outro, eram uma vez flôres. Flôres... Milho, milho, é do que nós precisamos. Flôres, são lá para os fidalgos...

— Sabes o que foi o diabo? (Deus me pordôe!) Foi não haver na Junta outro homem, como o sr. Zé. Aquillo é que lhe demos... Lembras-te?

— Se me lembro... Parece que ainda estou a senti-lo na guella. Tambem foi o que valeu, senão morriamos assados.

— Honra lhe sêja! E' um homem para as occasiões! Foi pena que na reunião só apparecessemos nós. Se não...

— Se não... não teria vencido! gritei eu, arregalando os olhos e vendo que o jardim só existia na minha imaginação e na do velho Pedro que — coitadinho! — até se sentia feliz só com o cheiro das flôres...

Sem reparar sequer na cara com que os meus patricios ficaram, ao dar por mim, abalei, e, passados dois minutos, vime na Rua de S. Sebastião. Logo me tomou o irresistivel desejo de matar saudades d'aquelle trecho de inconfundivel paisagem em que longos renques d'arvores, magestosamente perfiladas, fazendo apenas, de vez em quando, ligeiras mesuras, constituiam a cauda soberba do manto real da minha terra.

Corri, olhei soffregamente, e emudeci de assombro: a Princeza do Vouga estava... sem cauda!

Uma velha horrorosa, a minha terra!

O que será feito das suas lindas côres, da sua frescura, do seu garbo, de tudo isso que a tornava uma moça diabolicamente provocadora — Princeza do Vouga appellidada?

Já lá vão os chorões a cuja sombra adormeci e tantas vezes sonhei, levemente beijado pela sua larga ramaria como se fôsse a farta cabelleira d'uma mulher, caíndo-me pela face, a fazer-me cocegas...

E os alamos... Aquelles alamos que estavam alli como sentinellas firmes e vigilantes, a protegê-la...

Faz-me pena olha-la. E só pelo muito amor que por ella sinto, amor que creou fundas raizes na minha alma, lá por essas longinquas terras d'onde chego, eu posso supporta-la nestes tres dias de Entrudo supinamente semsaborões.

No meio de tanto aborrecimento, uma esperança me consola — é que a minha terra ainda não tenha perdido o habito antigo de se mascarar de velha pelo Carnaval.

A. B. C.

No átrio do Lyceu de D. Manuel II foi encontrada no chão a seguinte versalhada que por curiosidade publicâmos.

Ó gloria de mandar, ó vã cubiça
Do logar de reitor d'este lyceu!
Qu'aguilhão, ó magistres, vos atiça,
Que raio de bichinho vos mordeu?

Lembrai-vos, ó vélhinhos, que sois vós
Que deveis dar exemplos de cordura
Aos pobres cabuloides como nós,
E que nem o diabo vos atura!

Olhai *p'la jumentude esturdiosa*,
No dizer pittoresco do Correia, (1)
Ó vós omnes qu'andais na ingloriosa
Tarefa de tecer a grande teia,

Que prostrar ha-de emfim—que regalorio!
Um reitor tão *despotico* e tão *mau*
Que em logar de tornar-se meritorio
A fazer com vagar colher's de pau,

Vos *prantou*, salvo seja, assim de lado
Como quem já conhece a vossa *treta*.
Se nesse *touticinho* desvairado
—Influencias de certo do cometa—

Lá podesse tambem da *jumentude*
Influir um conselho, este seria:
Procurai Bersabú que vos ajude
E elegei-o *juiz* da *confraria!*

Talvez tu, ó Diauho, conseguisses,
Escupindo com força nessas mãos,
Terminar com asneiras e tolices
E dar-nos mestres sãos em corpos sãos.

ESTURDIOSO.

(1) O nosso distinctissimo mestre Dr. João Manuel Correia.

Bihetes de visita

Affonso XIII, de Hespanha, convidou os nossos conterraneos e amigos srs. Sebastião Pereira de Figueiredo, Silverio Rodrigues Fernandes e Sebastião Gomes de Magalhães, para uma caçada, estando este com os seus receios de que Sua Magestade *lhe dê um bigode*, com o que, aliás, deveria ficar muito satisfeito...

Previne-se, desde já, o amigo Sebastião de que, se abichar bigode, tem de repartir comnosco.

*

Por iniciativa dos srs. Manuel Nunes de Carvalho e Silva, Sebastião Rodrigues de Figueiredo e José Antonio de Carvalho Junior, os nossos conterraneos que assignam o *Correio do Vouga* vão eleger El-Vidalonga gazetilheiro-mór destes reinos.

E' uma honra para elle e para nós que o contamos no numero dos nossos mais queridos amigos e collaboradores.

*

Vae ser agraciado com o titulo de passarinheiro-mór o sr. Balthazar de Magalhães Taborda que já achou dois ninhos de rôla no Campo Velho, estando prompto a mostral-os a toda a gente, com a condição de... toda a gente guardar segredo.

Um abraço ao amigo Balthazar e, desde já, contamos com as... rolinhas.

*

Ao sr. Aristides Dias de Figueiredo foi conferida a honra de pharmaceutico da casa real.

D'alguma coisa lhe havia de valer o sacrificio de... ser franquista.

*

Foi nomeado para fazer parte da commissão revisora do codigo administrativo o sr. José Nunes de Carvalho e Silva.

Que se acautelem os srs. vogaes da junta de parochia.

*

A convite de sua Magestade Belzebut, vae visitar brevemente a côrte infernal, acompanhado do seu... *redemilhão de diabos*, o nosso amigo Manuel Linhares (pae).

Uma viagem feliz.

*

Foi pedido em casamento por uma gentil e loira manceba da cidade Invicta o nosso particular amigo sr. José Ferreira de Magalhães.

Aconselhamo-lo a que não se recuse.

*

Pela empreza do Theatro D. Maria, de Lisboa, foram convidados para tomar parte em algumas recitas os srs. Francisco Marques Barbosa e Francisco Nunes Genio e as meninas Libania e Julia Santos, quatro glorias authenticas do grupo dramatico eixense.

Estamos certos de que honrarão a nossa terra.

*

Corre o boato de que Sua Magestade el-rei vae mandar convidar para mestre de obras da casa real o sr. Augusto Martins Castendo.

Muito estimaremos que o boato sêja mais alguma coisa do que uma... léria

*

No ultimo congresso internacional do jogo, o nosso amigo sr. Padre Manuel da Cruz foi proclamado como o mais eximio jogador do quino.

Fizeram-lhe apenas justiça, com o que muito nos regosijamos.

*

Assumiu hontem a reitoria do Lyceu D. Manuel II, do Porto, o sr. Angelo Vidal.

Ha muitos annos que o distincto professor desempenha o mesmo cargo, por esta occasião.

Que tenha paciencia, mas não resistimos a lembrar ao sr. ministro do reino que lhe confira o titulo de... reitor do Carnaval.

NOTICIAS PESSOAES

Anniversarios

Pelo seu anniversario natalicio, que passou no dia 4, cumprimentamos o sr. Julio Gonçalves Rodrigues, natural de Frossos, mas residente no Barreiro (Lisboa), onde é digno caixeiro da importante casa commercial do nosso bom amigo sr. Antonio do Carmo de Magalhães.

—Pelo mesmo motivo felicitamos o sr. Manuel Marques da Silva, d'Aveiro, cujo anniversario natalicio passou na terça-feira.

Estadas

Encontra-se em Agueda o sr. conselheiro Albano de Mello, illustre director geral do ministerio da justiça.

—Tambem esteve naquella villa, no dia 2, o nosso presado amigo e conterraneo sr. Clemente Fernandes da Silva.

—Esteve no Porto, na sexta-feira, o nosso presado amigo e solicito correspondente em S. João de Loure, sr. Manuel Dias d'Andrade.

Partidas e chegadas

Vindo da capital, chegou no dia 2 a Aveiro, o nosso illustre amigo sr. Conde d'Agueda, nobre governador civil do districto.

—Embarcou, na quarta-feira, em Leixões, com destino ao Brazil, o nosso querido amigo Luiz Felix Pereira de Menezes.

Do coração lhe desejamos uma viagem muito feliz.

ASSUMPTOS LOCAES

CONSTA-NOS:

Que a commissão de beneficencia escolar vae pedir a sua exoneração, allegando incompetencia que justificará com documentos comprovativos de que, apesar de nomeada ha quasi seis annos, ainda não fez absolutamente nada.

Já não vae sem tempo, mas... *mais vale tarde do que nunca.*

*

Que o pharmaceutico sr. Antonio Simões da Silva, considerando provada a infracção pelos documentos publicados no n.º 3 (3.º anno) d'este jornal, está resolvido a pagar a multa de cinco mil reis, que desembolsará, logo que lhes perca o amôr.

Tenha paciencia, mas... *honra e proveito não cabem no saco.*

*

Que alguns dos nossos conterraneos... presentes, envergonhados em face da generosidade dos ausentes, resolveram concorrer para a subscripção aberta neste jornal.

Poderá ser, mas... estamos como S. Thomé: *vêr para crêr.*

*

Que o sr. Avelino Dias de Figueiredo, illustre vereador, reconhecendo que são fundadas as nossas reclamações sobre o poço da Rua de S. Sebastião, já deliberou, em sua consciencia, attendê-las, estando apenas á espera de opportunidade para pôr em pratica a sua deliberação.

Os nossos louvores ao sr. Figueiredo, embora isso lhe pareça pouco, mas... *quem dá o que tem a mais não é obrigado.*

*

Que o sr. José Fortunato Coelho de Magalhães, illustre empregado das obras Hydraulicas, tendo conhecimento de que uma filha do sr. João Marques Ferreira caiu, ha dias, num barranco que existe ao fundo da ponte da Balça, reconheceu a necessidade urgente de o mandar tapar e nesse sentido já deu as suas ordens.

E' digno dos maiores elogios o sr. Fortunato, mas... dirá

Em terça-feira gorda

Foi ha tres annos.

Quando entrei no baile de D. Maria, o relogio marcava as duas da madrugada.

Na sala reinava uma animação desusada e um calor asfixiante. Pelos camarotes debruçavam-se rostos pallidos, de olhos negros e scintillantes, cabellos empoados e collos nus, d'uma brancura de jaspe.

Agitavam-se leques de todos os matizes, e por vezes uma bisnaga imprudente não hesitava em perpassar rapido o seu esguicho muito fino e certeiro, sobre aquellas mimosas camadas de *cold cream*.

Aborrecia-me pyramidalmente.

No salão passeiavam uns dominós graves e sisudos, fallando a meia voz, e indifferentes a tudo quanto os rodeava. Meia duzia de velhos *leões* gottosos e pintados, arrastavam-se a custo na esteira elegante d'uma esplendida rapariga vestida de pagem, e que, orgulhosa, patenteava sob as finuras sedosas da pantalona, as bellezas irresistiveis da plastica.

Saltitava alegre, com as suas botinas de setim branco e tacão dourado, e com o *stick* de marfim e pitta fustigosa as mãos atrevidas dos bisnagadores.

Pierrots suspeitos formavam bichas que serpenteavam por entre os espectadores; ouviam-se gritos penetrantes e gargalhadas escandalosas; uma duzia de hespanholas, vestidas de *bébés*, espalhavam na sala uma vozearia infernal, e fazia-se amor por todos os cantos. Turcas recamadas de lantejoulas, sedas e gazes desbotadas, escutavam os protestos d'um feiticeiro de grandes barbas de estopa; floristas elegantes e franzinas diziam segredos a gallegos de grandes collarinhos e faces côr de tijolo; varinas de enormes saias de burel e arrecadas monstruosas nas orelhas, fallavam ao ouvido de generaes de opera-comica, apopleticos sob a mascara de papelão envernizado.

As mais bem dotadas pela natureza, ou se exhibiam vestidas de pagens, ou se permittiam o traje leve de pescadores napolitanos.

Pela sala perpassava, de vez em quando, um mixto aroma de cognac e Porto, agua de colonia e genebra. Tudo aquillo era immundo e estupido.

Ao fundo, engastado entre folhagem, bicos de gaz, e jogos de agua, o vulto colossal do Gaspar, regente da orchestra, fitava a multidão, com o seu rosto muito redondo e nedio, especie de idolo chinez, d'algum pagode de San-The Chon.

Sentia-me enfastiado no meio d'aquella loucura de musica, vinho e mulheres, quando dei de frente com um velho amigo, que passeiava na sala taciturno e melancolico, emquanto os mascaras se desconjuntavam nas marcas cynocephalas d'um cancan vertiginoso.

—Olá, como tens passado?

—Bem, e tu?

—Menos mal; estou aborrecido d'esta borracheira.

—Sempre o mesmo!

—E' certo. Os bailes de mascaras tendem a acabar.

—Não digo tanto. E' mais facil acabar uma procissão do que um baile d'estes. O deus Momo ha-de ter sempre devotos.

—D'esta qualidade que vês.

—E' verdade; mas atraz d'elles veem os admiradores d'ellas, e o resultado é quasi não caber um alfinete na sala.

—Uma pergunta: Tu não estavas fóra de Lisboa?

—No Porto, cheguei hoje.

—Por que não passaste lá o carnaval?

—Amanhã devo apresentar-me no ministerio.

—Para que?

—Conveniencias minhas, e do serviço.

—Bem, sendo conveniencia tua, já não digo nada.

—E na verdade, meu caro Alfredo, antes eu tivesse passado o carnaval no Porto.

—Porque? aconteceu-te alguma desgraça?

—Desgraça positivamente não, mas recebi uma d'aquellas impressões que se não esquecem facilmente.

—Ah! Cousa seria?

—Eu te digo... Vamos ceiar e á meza te contarei tudo.

—Queres sahir do baile?

—Não. Agrada-me este ruido tolo que me desentorpece o espirito de lugubres pensamentos.

—Tu estás a jogar o entrudo commigo!...

—Não estou. Fallo serio.

—Então vamos.

Occupamos uma meza no botequim do terrasso, e mandámos vir peito de perú, salame, *omelette* e vinho de Collares.

Na meza fronteira á nossa, tres rapazes occupavam-se em embriagar uma formosa rapariga de desoito annos, a quem os vapores do alcool descerravam os labios d'um bello vermelho rubi, deixando a descoberto duas preciosas fileiras de dentes brancos e eguas, como se fossem talhados em neve.

—Vamos lá a ouvir a historia.

—Imagina tu que ha tres annos, uma noite, no Gymnasio, quasi ao levantar do panno, veio assentar-se na cadeira desoccupada, ao meu lado direito, uma rapariga de rara belleza, elegantemente vestida, cujos olhos negros, d'uma doce expressão melancolica, me impressionaram de modo extranho.

Durante o espectaculo não cessei de admirar a alvura setinosa dos seus braços, o vermelho dos seus labios, os seus luxuriantes cabellos pretos, a proeminencia do seu collo, e todo aquelle *tic* delicioso, seductor, verdadeiramente raro, a que davam realce os seus sorrisos d'uma infantilidade adoravel.

elle com os seus botões: *honra sem proveito faz mal ao peito.*

*

Que o nosso presado collega *Beira-Mar*, tendo lido os documentos publicados no nosso numero de 9 de janeiro sobre o assumpto infracção, se convenceu de que realmente o sr. Antonio Simões da Silva faltou ao acôrdo, estando, portanto, disposto a retificar as affirmações que a tal respeito fez ultimamente.

Dadas as relações de amisade pessoal e politica que ligam a *Beira-Mar* ao sr. Simões, hade ser-lhe penoso condemna-lo, mas decerto pensa, e pensa muito bem: *amigos, amigos, negocios á parte.*

NOTICIARIO

Consorcio—Realisou-se no dia 2, de madrugada, na igreja da villa d'Agueda, o enlace matrimonial do sr. Antonio Abrantes, digno 2.º aspirante da repartição de fazenda d'aquelle concelho, com a sr.ª D. Lydia Neto, gentil sobrinha do sr. padre Joaquim da Silva Neto, antigo encommendado de esta freguezia.

Paraninfaram, por parte da noiva, seu irmão, o sr. Celestino da Silva Neto, e, por parte do noivo, o sr. conde da Borralha.

Aos noivos desejamos as maiores felicidades de que são dignos pelas suas qualidades de espirito e de coração.

Instrucção Primaria—Já tomou posse da cadeira de S. João de Loure a sr.ª D. Maria José de Brito Varella, que gosa da justa reputação de professora muito distincta e escrupulosa no cumprimento dos seus deveres.

Cumprimentamos s. ex.ª e o povo d'aquella localidade que na sr.ª D. Maria José encontrará uma digna continuadora da obra da sr.ª D. Maria Vidal, professora zelosa e intelligente que acaba de ser transferida para Lamas.

Conflicto entre duas freguezias — Sob esta epigraphe, escreve o nosso presado collega *Campeão das Provincias* no seu numero de 29 de janeiro:

«Entre os rapazes da freguezia de Nariz e os da Palhaça existe rixa desde muito e d'ella resultou, no domingo, por occasião do arraial de S. Sebastião, em Nariz, serem aggredidos Manuel dos Santos e familia, d'alli, que tinham ido fazer o seu negocio.

Ao regressar, perto da noite, a casa, cercou-o um grande numero de rapazes da Palhaça, armados de varapaus, que o zurziram desapiedadamente, bem como á filha mais velha, que ficou muito maltratada, correndo alli que o cabeça de motim e provocador foi um tal José Cura, solteiro, lavrador, d'aquella freguezia.

Foi já dada queixa no commissariado de policia, marchando para alli uma força a fim de prender os indiciados, mas não foram encontrados, por se teram evadido».

Nomeações—Foi nomeado juiz auditor do contencioso fiscal junto da Alfandega do Porto, o sr. Dr. Manuel Nunes da Silva, illustre deputado da nação e meritissimo juiz de Direito em Soure.

Os nossos cordeaes cumprimentos.

—Acaba de ser nomeado escrivão de direito da comarca de Albergaria-a-Velha o nosso presado amigo sr. dr. Carlos Luiz Ferreira, cujas excellentes qualidades de espirito e de caracter são garantia de que hade desempenhar o seu novo cargo com intelligencia e honestidade.

Com um affectuoso abraço, as nossas sinceras felicitações.

Dr. Affonso de Mello—Foi nomeado governador civil do Funchal o sr. Dr. Affonso de Mello, natural d'Agueda e digno delegado do Procurador Regio em Vizeu.

A *Soberania do Povo* publica no seu ultimo numero o retrato do illustre magistrado, acompanhando-o d'um artigo em que se poem em relevo as suas altas qualidades de intelligencia e de caracter.

Associamo-nos á homenagem da *Soberania*.

Rectificações—Informam-nos de que o nome da filhinha do sr. Manuel Martins da Costa, cujo baptisado noticiámos no ultimo numero, é Vintila, e não Vitalina, como dissemos. Assim o quizeram os padrinhos, que foram o nosso presado amigo e conterraneo sr. Manuel Rodrigues Felizardo e sua estremosa esposa, a sr.ª D. Iria Marques Rodrigues.

—O nosso presado amigo sr. João Martins de Pinho faz annos em março e não em janeiro, como noticiámos.

Deve o sr. Pinho pedir contas ao *Campeão das Provincias* que foi quem deu a noticia em primeira mão.

Lyceu D. Manuel II—Os diarios de domingo publicaram um aviso mandado affixar no atrio d'aquelle lyceu pelo reitor interino sr. P.e Albino Coelho, o qual causou má impressão, devido em parte á maneira como a imprensa o interpretou.

Felizmente, as declarações que abaixo inserimos, e que alguns jornaes diarios publicaram na terça-feira, restituiram a tranquillidade ás pessoas que trazem filhas naquelle estabelecimento de ensino.

«A proposito da noticia publicada nos jornaes de ter sido mandado affixar um edital em que a reitoria chama a attenção do pais das alumnas para as vigiarem nos intervallos das aulas e declina a responsabilidade sobre a sua educação moral, venho declarar publicamente para tranquilidade das familias a quem este assumpto interessa, que durante o periodo de mais de quatro annos, em que esteve a meu cargo a direcção d'este Lyceu, e que entreguei ao zeloso e digno professor sr. padre Albino Coelho no dia 25 de janeiro, nunca tive conhecimento de qualquer procedimento irregular entre alumnos dos dois sexos: notei sempre cortezia e actos de delicadeza entre alumnos e alumnas, sobretudo nas classes mais adiantadas.

E a minha observação fez-me crear a convicção de que até ha vantagens educativas nas relações escolares de alumnos dos dois sexos, porque se coíbem de grosserias, procuram aprimorar a linguagem e usam de reciprocas attenções, estimando-se e auxiliando-se como membros de uma mesma familia.

Em summa, quer da parte dos alumnos quer das alumnas, todas as manifestações educativas no seu convivio foram sempre dignas de louvor, notando um bem compreendido respeito pelos seus deveres. E com prazer e com justiça tive occasião de communicar estas minhas boas impressões para a direcção geral de instrucção secundaria em 14 de dezembro ultimo, attribuindo à boa indole e educação dos alumnos a circumstancia de se não darem infracções disciplinares em vista da falta de empregados que então requisitei.

Ainda para mais completa tranquillidade dos interessados direi que os meios disciplinares do regulamento são sufficientes para se corrigir prompta e eficazmente qualquer abuso: e eu não desculparia abusos em materia de tal gravidade. Felizmente, nunca me foi preciso recorrer a quaesquer disposições disciplinares para reprimir infracções de natureza moral, por não terem sido commettidas.

E' o que posso assegurar aos chefes de familia que trazem suas filhas no Lyceu de D. Manuel II.

O professor e antigo reitor,
Francisco Ribeiro Nobre.

«O aviso affixado no atrio d'este estabelecimento tem por fim prevenir qualquer occorrencia que possa prejudicar a disciplina interna do lyceu, e não tem, nem pode ter, a significação que uma parte da imprensa lhe quiz attribuir, interpretando-o a seu modo. Esta medida disciplinar apenas mostra a falta de pessoal adequado, os defeitos da casa, que não se presta á coeducação dos sexos nem a uma regular execução dos preceitos pedagogicos e disciplinares. Quiz-se tambem sublinhar a necessidade da creação de lyceus femininos, porque a experiencia dos mais eminentes pedagogos assim o aconselha. E não ficariam despovoados esses estabelecimentos, pois que a frequencia no Lyceu D. Manuel II é neste anno de cerca de oitenta alumnas e tende a augmentar d'anno para anno.»

O reitor interino,
Padre Albino Coelho.

Falta de espaço—Por este motivo deixamos para o proximo numero alguns originaes.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 2

Realisou-se, ha dias, o funeral do nosso amigo snr. Antonio João Salles, antigo negociante de vinhos do Porto, nesta cidade, sendo o seu cadaver depositado no jazigo da familia, no cemiterio dos Prazeres.

O snr. Salles, que foi victimado por uma congestão, contava 63 annos de edade.

No prestito funebre, encorporaram-se, entre outros, os snrs. Estevão Roberto, Carlos Alfarro Marques, Manuel José da Costa, Francisco Vasques, Agostinho de Jesus, Arthur Rato, José Moreira Rato, Alfredo Affonso, Guilherme Hypolito, João Barata, Francisco R. Carnide, João Gonçalves, Joaquim Nunes Baeta Junior, Antonio da Costa Jerego e Alvaro dos Santos Ferreira.

Sobre o feretro foram depostas duas coroas: uma offerecida pela viuva, a snr.ª D. Carmen Salles, e outra por um grupo de amigos do finado.

Paz á sua alma.

— Chegaram a esta cidade, vindos de S. João de Loure, os snrs. Manuel Arrães, José Brieiro e Manuel Mesquita.

Foram espera-los á estação do Rocio muitos amigos que, apenas o comboio chegou, receberam a triste noticia d'um desastre succedido em Alfarellos. Foi o caso o seguinte: uma filha da snr.ª Anna Manaio debruçou-se na portinhola da carruagem, e, como esta ia aberta, caíu á linha.

Logo a mãe e outros passageiros começaram em alta gritaria. Já bastante distante do local, o comboio parou, indo a Manaio buscar a filha que já se encontrava nos braços d'um guarda da linha! Felizmente, a pobre creança soffreu apenas alguns ferimentos na cara.

—A Chica, alli do mercado de S. Bento, foi agredida pelo amante, um tal João Nunes, sapateiro, que, julgando que estava a bater sola, lhe abriu a cabeça com o martello.

—Vae sendo o assumpto de todas as conversas o apparecimento do cometa.—*Melicias.*

Azurva, 3

No dia 17 de janeiro vinham da feira de S. João de Loure cinco cidadãos, alli da Quinta do Gato, que, ao chegarem aqui, todas as suas tentações foram... provar do de vintem o litro.

Arrumaram-lhe de grande, pois, passando por mim junto da «costeira» davam bordos como um barco em dia de vendaval.

Mas o mais bonito da festa estava para acontecer.

Nesta occasião passava um cavalheiro de byciclete, e toda a tentação d'um dos cinco devotos de Baccho era dar-lhe uma cacetada.

Ainda o pau ia pelo ar, o cyclista apeia-se, e com uma semcerimonia de tirar-se-lhe o chapeu, deitou á bofetada aos cinco cidadãos da Quinta do Gato, com uma destreza e perfeição, como nunca vira.

Como quem se presa gosei o espectalo a distancia, approximando-me apenas, quando o cyclista, já com a mão a ferver se dispunha a seguir o seu caminho.

Então, estendendo-lhe a minha direita, felicitei-o calorosamente pela sua meritoria obra.

E talvez até os pacientes lhe tenham mandado, no dia seguinte, um cartão de agradecimentos, com a nota de que... ainda foram poucas.

S. João de Loure, 3

Tem sido muito louvada a insistencia com que o nosso presado amigo snr. Joaquim Nunes Baeta Junior se refere ao projectado cemiterio d'esta freguezia.

A junta de parochia tem effectivamente empregado alguns esforços para a realisação de tão importante obra, mas, a contraria-los, surgiram duas grandes difficuldades: a escolha do local e a falta do capital.

Emquanto á segunda, penso como o snr. Baeta Junior: a junta deve lançar uma derrama, visto os povos dos logares da freguezia não prestarem espontaneamente o seu auxilio para uma obra de interesse commum e cuja falta é reconhecida por toda a gente de senso.

Sobre a escolha do local, guardarei para outra occasião as considerações que julgo conveniente fazer.

—Encontra-se aqui, em goso das ferias do Carnaval, o sr. Antonio Dias Leite, intelligente e estudioso alumno do lyceu de Coimbra.

—Como prenoticiei, foi despachada para Lamas a distincta professora snr.ª D. Maria Nunes Vidal que já tomou posse da sua nova cadeira.

Para a substituir foi nomeada a snr.ª D. Maria José de Brito Varella, antiga professora da Ermida, que não temos a honra de conhecer pessoalmente, mas que nos dizem ser digna successora da snr.ª D. Maria Vidal, pelas suas excellentes qualidades de espirito e de caracter.

Pedimos licença para apresentar a s. Ex.ª os nossos respeitosos cumprimentos.—C.

Oliveirinha, 1

Realisaram-se hoje officios, sufragando a alma do snr. José Diniz Ferreira. Estiveram muito concorridos, assistindo toda a familia enlutada e muitas pessoas das suas relações.

— Deve embarcar hoje em Lisboa, com destino a Lourenço Marques (Africa), d'onde veio ha approximadamente um anno, o snr. Manuel Marques de Carvalho, filho do nosso amigo e importante proprietario sr. Manuel Melão de Carvalho.

Desejamos-lhe uma viagem feliz.

Alquerubim, 31

Tem feito inverno rigoroso com muita chuva e vento, tendo, porem, melhorado o tempo hontem e hoje, dando grandes camadas de neve com um frio de gelar, mas enxuto.

—Devido ao rigoroso inverno e falta de dinheiro para as reparar, as estradas estão quasi todas intransitaveis e a abrir *olheiros* onde os carros se enterram, ficando lá alguns quebrados.

—Os pobres luctam com a fome por falta de trabalho onde ganhem o sustento.

Os vinhos não tem consumo, e o pouco que se vende é por preços infimos: 300 e 400 reis cada 20 litros.—C.

—Estás lyrico até á medula dos ossos!...

—Escuta. Trocamos algumas palavras, ao principio timidamente; depois, com mais confiança, estabelecemos conversação, e á sahida pedi-lhe licença para a acompanhar. Concedida ella, mettemo-nos n'um trem e acompanhei-a a casa, onde fui magnificamente recebido.

Clorinda era uma mulher encantadora. Em plena primavera da vida, dotada de extraordinaria belleza, poucas tenho visto que a egualassem n'aquella fresca e sadia mocidade que se lhe desenhava nas rosas avelludadas do rosto e no setinoso perola da epiderme.

Alem de formosa, possuia uma illustração apreciavel.

A sua historia era a de todas. Um amante perjuro, fuga da casa paterna, um anjo salvador incarnado na pessoa d'um brazileiro rico, depois ums amores faceis, etc. etc.

—E tu...

—Eu mereci-lhe a sua sympathia, e durante dois mezes fui o homem mais feliz do mundo inteiro.

O brazileiro era pacato. Recolhia ás dez da noite, e não tinha zelos.

—Uma perola.

—Exacto. Uma manhã recebi ordem de partir para o Porto. Metti empenhos, pedi, suppliquei, requeri, mas o ministro foi inflexivel. Era mister partir.

=E Clorinda?

—Chorou abraçada a mim, deu-me uma trança dos seus cabellos negros, jurou-me fidelidade eterna, acompanhou-me á *gare*, e de dentro do wagon vi-a derramar algumas sinceras.

—Porque não a levaste?

—Impossivel. Com quinze tostões por dia não se faz vida com uma mulher que não usava senão meias de seda e anneis de brilhantes. Seria conquistar o seu odio, fazer a sua infelicidade.

Entabolamos, porem, uma correspondencia activa.

Ha um anno, mandou-me dizer que estava muito doente, que queria vêr-me.

Pedi licença e vim a Lisboa. Encontrei-a muito mudada. Havia quinze mezes que nós não fallavamos. Emmagrecera, apagara-se-lhe a luz do olhar animado e vivido, perdera o rosado das faces, e tossia a espaços, com uma tossesinha secca, impertinente, teimosa que a soffucava. Estava tisica.

Acabada a licença, voltei para o Porto, e mezes depois mandava-me dizer que estava melhor. As suas cartas, porem, eram menos extensas, e a lettra, tremula e irregular, indicava a fadiga da mão que a desenhara. Ha oito dias recebi uma carta, em que me dizia:

«Vem, que estou peior.»

O acaso quiz que fosse chamado a Lisboa, e annunciei-lhe a minha vinda para depois do carnaval.

Desejei porem fazer-lhe uma surpreza, e sabendo que devia hoje estar na capital, não a preveni.

Ao meio dia, correctamente enfarpellado, barbeado e escovado, sahi de casa e dirigi-me para a habitação de Clorinda. Já munido de duas bellas bisnagas francezas e de uma caixa com uma aranha de arame.

Subi a escada rapidamente, e no terceiro andar admirou-me não encontrar o cordão da campanhia.

Bati com os nós dos dedos. Pouco depois, a porta abriu-se devagarinho, e a creada, a mesma, com os olhos inchados de chorar, disse-me apenas:

—Veio tarde, sr. Gustavo.

—Porque?

—A menina está ali; e apontou-me para o fundo da sala forrada de negro com bordaduras de ouro e prata, scintillantes pelo reflexo da luz d'uns tocheiros muito altos e amarellos.

Entrei sem consciencia de mim proprio. Sentia na cabeça um zumbido, como se me tivessem dado n'ella uma enorme pancada.

Avancei até ao meio da sala armada em camara ardente. Dentro do caixão ainda aberto, estava o cadaver de Clorinda, muito livida e emmagrecida, com os olhos excessivamente encovados, os labios violaceos e as mãos cruzadas sobre o seio.

Foi com uma dôr indefinivel que beijei aquelle rosto onde o frio da morte pozera a insensibilidade do marmore.

Estive muito tempo contemplando os tristes vestigios d'aquella explendida formosura extincta.

—Quando morreu? perguntei á creada, que me olhava compungida.

—Hoje, ás cinco da manhã. Foi uma tisica galopante. Chamou pelo sr., e pediu-me que, quando a amortalhasse, lhe collocasse o seu retrato no seio.

—Leva-o para a cova? perguntei com um certo temor pueril.

—Sim senhor. Ella era muito sua amiga.

. . . . . .

A's seis da tarde, em trem fechado, acompanhei ao cemiterio o cadaver de Clorinda. Fui o unico. Pobre pequena!...

Inconscientemente, senti que as lagrimas me aljofravam nas palpebras.

Gustavo estava preso d'uma grande commoção, e não comia.

Um *salsa*, que nos viu tristes, brandiu a luneta de folha e pediu-nos um copo de cognac.—Offerecemos-lhe a garrafa. Embebedou-se.

A este tempo, a rapariga da meza fronteira, já completamente ebria, cantava uma coisa obscena e reles, e no salão espiravam, entre um berreiro indecifravel, os ultimos accordes d'uma walsa de Strauss. E eis aqui como passei a noite de terça-feira gorda de 1883, noite que jámais poderei esquecer, pelo tocante da aventura que venho de contar e que me impressionou profundamente. *Alfredo Gallis.*

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

GRAMMATICA ELEMENTAR DA LINGUA PORTUGUEZA PARA USO DOS ALUMNOS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas POR ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino, tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇAO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucção Primaria, por A M. F.

3.ª edição . . . 100 reis

Para festas das creanças

Puerilidades

por *Angelo Vidal*

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

MANUSCRIPTO DAS *ESCOLAS PRIMARIAS* (Illustrado) por Angelo Vidal

Cuidadosamente organisado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Deposito de Material Escolar
Modelos aperfeiçoados de: Carteiras, Caixas metricas, Contadores etc. Espheras terrestres e armillares.
Museu escolar e Mappas Geographicos.

Preços muitos reduzidos

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscripto das Escolas Primarias*—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR *VIEIRA DA COSTA*

E

OS TRISTES

POR FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho--- Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C ILLUSTRADO POR *ANGELO VIDAL*

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo: — Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão, 2$300 reis.

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaccastigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

Á venda em todas as livrarias

AGENCIA COMMERCIAL E MARITIMA

LEGALMENTE HABILITADA

DE

Joaquim L. G. Moreira

Agente de todas as companhias maritimas Venda de passagens para todos os portos do Brazil e Africa. Solicitam-se passaportes bem como todos os documentos para os obter. Tratam-se licenças aos reservistas de 1.ª e 2.ª reservas. Despachos de vinhos e outras mercadorias para todas as partes, etc.

Avenida Bento de Moura (em frente ao mercado Manoel Firmino)

AVEIRO

PORTO

TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBRAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação — Carimbos de borracha

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1$200
« —semestre	600
Africa —anno	1$500
razil—anno—(m oeda forte) .	2$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. .	10 reis
Communicados, cada linha. .	20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

3.º ANNO—N.º 7

CORREIO DO VOUGA
(EIXO)
Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Exm.º Snr.